

RESENHA

Cláudia T.G. de Lemos. Ser and Estar in Brazilian Portuguese, With Particular Reference to Child Language Acquisition. Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1987. [ix + 168].

ROBERTA PIRES DE OLIVIERA
ELENA GODOI
RODOLFO ILARI
(IEL-UNICAMP)

Publicado em inglês como sétimo volume da coleção Tübinger Beiträge zur Linguistik, na série "Language Development", este trabalho de Cláudia T.G. de Lemos, do Dep. de Lingüística da Universidade Estadual de Campinas, é uma versão abreviada e parcialmente revisada de sua tese de doutorado, defendida em 1975 no Departamento de Lingüística da Universidade de Edimburgo.

1. Como o próprio título explicita, o trabalho se compõe de duas partes, ambas dedicadas à oposição **ser/estar** em português brasileiro. Na primeira se formulam as condições de emprego desses dois verbos na linguagem corrente, e na segunda se estuda sua emergência na aquisição do português como língua materna. Para tanto, o livro se apresenta como a análise de dois tipos de dados: dados levantados introspectivamente, que ilustram a seleção de **ser** e **estar** tal como ocorre na linguagem adulta, e dados coletados em duas pesquisas longitudinais sobre a aquisição do português como língua materna.

A autora mostra num rápido retrospecto que as condições de uso de **ser** e **estar** são um tema de estudo inexplorado em português, entre os filólogos e os lingüistas das mais variadas tendências. Nos estudos sobre o espanhol, onde o tema tem uma tradição mais rica, observa dois in-

convenientes principais: 1) focalizam como emprego básico de **ser** e **estar** as sentenças atributivas com predicados nominais, explicando sua seleção pelos traços semânticos presentes no SN-sujeito e no predicado nominal; 2) consideram unicamente sentenças no presente; dessa forma, a contribuição peculiar de **ser** e **estar** e as condições temporais e aspectuais da seleção passam para segundo plano.

Em contraste com os estudos anteriores, Cláudia Lemos toma como básico o uso de **ser** e **estar** em sentenças locativas (às quais pertence por exemplo o tipo **O cinema é/está ali**); por hipótese, a alternância de **ser** e **estar** nesse contexto deveria explicar a alternância dos mesmos verbos em sentenças

atributivas (**Maria é/está bonita**)

possessivas (**O livro é do João/João está com o livro**)

existenciais (**Na Sicília é/está o vulcão que estudamos**)

passivas com **ser** e **estar** (**A porta é/está pintada**)

gerundivas, na construção que as gramáticas chamam de progressiva (**Maria está cantando**).

É um lugar comum dos manuais de ensino do português que o sujeito das sentenças locativas deva fazer referência a uma entidade não dotada de movimento quando o verbo é **ser**, e a uma entidade passível de movimentar-se ou ser movimentada, quando o verbo é **estar**. A Autora mostra, antes de mais nada, que entre os casos claros de objetos "móveis" e "imóveis" há toda uma faixa de casos intermediários, e que, de toda maneira, os dois verbos se combinam com substantivos de ambos os tipos:

(1) Essa cadeira é na sala (15a, p.20)

(2) A cadeira está na sala

(3) O mar é a cem metros da estada (51, p.60)

(4) O mar está a cem metros da estrada (idem)

1.1. O primeiro capítulo da primeira parte é dedicado à análise de sentenças locativas com sujeito "móvel". Seu ponto alto é a explicitação das condições de uso de **ser**: aqui, De Lemos explora as determinações temporais compatíveis com **ser** e **estar**, realçando que **ser** obedece a uma restrição aspectual particular - não aceita determinações temporais do tipo "momento em que"; e mostra que seu uso resulta em expressar algum tipo de normatividade. Por esse conteúdo de normatividade, num sentido de decisão ou regularidade (1) distingue-se tanto de

(5) Essa cadeira está sempre na sala (21, p.23)

quanto de

(6) Essa cadeira deve estar na sala (26, p.24)

e

(7) Essa cadeira deve estar na sala às duas / amanhã (26a, p.25)

1.2. O segundo capítulo da primeira parte é dedicado às sentenças locativas que compartilham com (3) e (4) acima a propriedade de ter sujeito “imóvel”. De Lemos dedica uma atenção especial à ocorrência de **estar** nesses contextos, explicando-a pelo traço contextual de [+ atualidade]. No caso particular de (4), o traço [+ atualidade] é associado a dois componentes que estariam crucialmente presentes para justificar o uso de **estar**:

- a. a relação entre o falante (ouvinte), o objeto e sua localização é representada como ordenada;
- b. o NP regido pela preposição tem uma marca de “observabilidade no momento de fala”;

A noção de “relação ordenada” (termo que a Autora reserva às relações de localização envolvendo ordem), justifica o uso de (4) num contexto em que o falante toma consciência de que ele próprio (ou o ouvinte) é o ponto de partida potencial de um trajeto que passa pela estrada e encontra o mar cem metros depois. A noção de observabilidade justifica o emprego de **estar** num contexto em que os interlocutores estão se deslocando ao longo da estrada, e sua avaliação das distâncias é alimentada por observações sucessivas.

A busca de uma formulação cada vez mais precisa para a noção de atualidade é, em certo sentido, o grande tema do segundo capítulo da primeira parte: o exemplo e a formulação que acabamos de reproduzir aparecem na secção 2.2.4., mas eles são preparados desde a 2.2.2., onde se discute a noção de orientação a propósito de exemplos como

(8) Tome a estrada de Itapeirica, vire no primeiro posto de gasolina e continue até encontrar um parque; o restaurante **está** dentro do parque. (12, p.47);

sua elaboração continua até a secção 2.2.7., onde a Autora situa **ser** e **estar**, com **ter**, **haver** e **existir**, entre os chamados “verbos locativo-existenciais”: ao verificar que o uso dos verbos existenciais obedece a uma hierarquia de condições de especificidade, mostra que o traço contextual de

[atualidade] tem por correspondente psicológico a viabilidade perceptual, a mais experiencial e menos "objetiva" das três áreas concêntricas que compõem o espaço dêitico (as outras duas são a atenção e o conhecimento). Distintivo dos usos de **estar** não apenas em confronto com **ser**, mas também com os demais "existências", o traço de [atualidade] ganha assim um fundamento em última análise dêitico; De Lemos sugere que essa perspectiva dêitica, encarada de maneira ampla, pode abranger as explicações tradicionalmente propostas para a alternância **ser/estar**, ao mesmo tempo que esclarece suas principais conexões aspectuais, cognitivas e discursivas.

1.3. A segunda parte do livro analisa a emergência de **ser** e **estar** na aquisição do português pelos garotos Luciano (sujeito de uma pesquisa longitudinal entre os 18 e os 27 meses), e Fernando (entre os 21 e os 28).

Partindo da hipótese de que a alternância dos dois verbos cópula é um marcador aspectual nas sentenças cujo predicado é um substantivo ou adjetivo, a Autora considera a emergência de **ser** e **estar** juntamente com as flexões de tempo e os auxiliares, além de examinar suas ocorrências com expressões locativas.

A Autora divide as entrevistas que constituem os dois **corpora** em três tempos, e mostra que no tempo I os dois sujeitos estão ainda extremamente apegados à situação de fala, ao observável, que não são capazes de extrapolar a situação imediata, embora já tenham adquirido um sistema primitivo para assinalar a presença de um objeto no campo perceptual. Os dados relativos ao último período, tempo III, assinalam, com algumas diferenças entre os dois sujeitos, as primeiras tentativas de ultrapassarem os limites da situação observável. Quando as pesquisas longitudinais se interrompem, as crianças são capazes de distinguir fases nos eventos, e dominam os fatores que permitem estabelecer relações cronológicas entre os eventos.

O mesmo traço de [atualidade] que havia sido apontado na primeira parte como responsável pela seleção da cópula, é agora descrito como superordenado às distinções modais e temporais, já que essas distinções envolvem a capacidade do locutor de abstrair a situação de fala, isto é, de tomar distância em relação ao **continuum da experiência**. Esse enfoque faz com que a Autora encare a dêixis como uma questão ligada ao aspecto, uma atitude que se coaduna, aliás, com sua tomada de posição contra a concepção tradicional de aspecto como estrutura interna dos processos.

2. Para dar ao leitor a dimensão exata das expectativas com que convém

abordar a leitura deste livro, é talvez correto dizer que suas características mais originais - a principal consiste provavelmente em ter tratado num grau de profundidade dificilmente excedível sentenças de um tipo fundamental nunca antes estudadas - estão ligadas a algumas dificuldades de leitura.

- 2.1. Antes de mais nada, lembre-se que as principais observações da primeira parte dizem respeito a sentenças do tipo menos esperado (**ser** com nomes de entidades móveis, **estar** com nomes de entidades imóveis), correspondendo a condições contextuais de relativa complexidade. Seria normal, nessa faixa de empregos, que os juízos de aceitabilidade/inaceitabilidade dos exemplos nas situações imaginadas pela Autora fossem sujeitos a uma certa flutuação; de fato, parece difícil confirmá-los em alguns poucos casos, a exemplo do que ocorre com

(8) Eu tenho morado em São Paulo desde 1952 (64, p.38)

que ela apresenta como inaceitável.

Um dos fatores de falta de clareza, a esse respeito, é que, em alguns dos exemplos, o verbo esperado é **ficar** e não **ser** ou **estar**. Nos registros coloquiais do português do Brasil, **ficar** tem uso bastante frequente com uma sintaxe análoga à de **ser** e **estar**: forma uma construção perifrástica de gerúndio e outra de participio passado e compartilha com os dois verbos tematizados por De Lemos a capacidade de circular pelas sentenças locativas e atributivas. Tudo isso faz pensar num sistema de três termos: **ser**, **estar** e **ficar**; a falta de referências ao terceiro termo compromete, em alguma medida, o confronto dos outros dois.

- 2.2. De Lemos centra sua análise num conjunto de sentenças para as quais não existiam análises prévias. Muito embora seja evidente seu domínio de uma ampla bibliografia que abrange desde a Filosofia da Linguagem até a Aquisição, desde Filologia até os estudos semânticos e pragmáticos da década de '70, em particular de autores britânicos, o trabalho tem um caráter marcadamente exploratório; as hipóteses surgem na análise dos dados e são trabalhadas num processo de crítica constante. Esse andamento dá à leitura um caráter de contínua descoberta, mas cria também algumas frustrações:

- (a) O texto busca constantemente a objeção e o contra-exemplo, depende crucialmente de explicitar intuições pela comparação de sentenças e de contextos. Isso leva naturalmente a uma argumentação complexa, que obriga o leitor a um constante esforço de síntese.

Um exemplo são os primeiros parágrafos da secção 2.2.5.: partindo da hipótese, resultado das secção anterior, de que **estar** é obrigatório para expressar a localização de entidades imóveis observáveis no campo perceptual do falante/ouvinte, o enunciado

(9) O cinema é ali (52, p.61)

aparece como um contra-exemplo. De Lemos mostra que o contra-exemplo é apenas aparente: a observabilidade entra em jogo em (9) por causa do advérbio **ali** e não por causa do verbo. Para dar sentido a esta última afirmação, a Autora expõe e justifica uma análise de exemplos como (10) e (11), entre outros:

(10) Você disse que o cinema **era** aqui nesta rua mas eu não estou vendo nenhum cinema. Onde **está** o cinema? (53, p.62)

(11) Você conhece aquele prédio velho de vinte andares na rua Pamplona? o cinema **é** ali (56, p.63);

embora a análise desses exemplos seja útil, pois permite deslocar a perspectiva de onde é analisado o caso problemático (9) e ajuda em última instância a apresentá-lo como "exceção que confirma a regra", ela é recebida à primeira leitura como uma digressão, e como toda digressão não preparada tem um custo alto para o leitor. A recorrência de procedimentos análogos a esse dá ao texto um carácter peculiarmente tenso.

(b) Os usos de **ser** e **estar** em sentenças locativas com sujeito imóvel correspondem, segundo a classificação de De Lemos, a pelo menos seis tipos ou contextos diferenciados (containment, non-containment, distance, containment within a deictic space, locative-demonstrative, locative-existenciais). Na estratégia de exposição utilizada pela Autora, cada novo contexto considerado deveria acrescentar dados à análise anterior, tornando-a mais completa e exata até a formulação final na secção dedicada aos verbos existenciais. Nesse processo, os vários fatores da seleção de **ser** e **estar** são derivados da análise de sentenças locativas de tipos diferentes, uma estratégia válida se fosse possível estabelecer que todos os empregos de **ser** e **estar** em sentenças locativas obedecem exatamente aos mesmos princípios; é possível que não seja bem assim, como sugere a própria análise de De Lemos, que levanta em cada caso relações inesperadas e novos fatores interferentes.

(c) À falta de maiores indicações sobre sua interpretação em outros contextos teóricos, a metalinguagem precisa às vezes ser compre-

endida pelos exemplos e não vice-versa: é o caso, por exemplo, das fórmulas.

(12) [It is ALREADY the case [the History books belong to/go on those shelves]] (45, p.31)

(13) [It is the case [John is ALREADY in the office]] (47, p.35)

que deveriam explicitar pelo escopo de ALREADY a diferença de sentido de

(14) Os livros de história **já são** naquela estante (45, p.30)

(15) João **já está** no escritório (47, p.30)

à parte não tratar-se de um verdadeiro par mfnimo, parece-nos que as fórmulas (12) e (13), desvinculadas de qualquer teoria formal do escopo registram se tanto o propósito de estabelecer uma distinção entre (14) e (15) mas não esclarecem sua natureza.

(d) Em oposição à minúcia com que são analisados os exemplos, as passagens de interpretação ou síntese são geralmente rápidas: é o caso das conclusões parciais sobre locativas com sujeito móvel (2.1.3.) e imóvel (2.2.7.) e das conclusões de toda a primeira parte (cap.3). Era de esperar que essas passagens aprofundassem a discussão sobre disponibilidade à percepção, atenção, e conhecimento, que desempenham um papel fundamental na economia do livro. Essas passagens limitam-se, ao contrário, a fornecer indicações sumárias, citando as várias interpretações dadas por Lyons ao advérbio **THERE** e a hierarquia estabelecida por Atkinson e Griffith entre os três predicados SEE, ATTEND e KNOW, de que a metalinguagem pode lançar mão para definir as condições de uso de sentenças. Não há por que duvidar que os predicados (metalinguísticos) SEE, ATTEND e KNOW, ou os diferentes níveis de proximidade associados a THERE correspondam a áreas diferentes do espaço dêitico, mas, à falta de uma elaboração maior, essa distinção só pode ser aceita como um programa, tão fascinante quanto incerto.

2.3. As críticas feitas até aqui não colocam em questão em nenhum momento a explicação geral proposta pela autora para a alternância **ser/estar** na linguagem adulta. Na realidade, embora fosse possível objetar que as teses de De Lemos sobre **ser** e **estar** em sentenças locativas exigem cuidados especiais de aplicação em alguns casos (vejam-se por exemplo (16)-(19)).

obriga a considerar o contraste

(22) A casa é do meu avô

(23) A casa está com o meu avô,

onde a alternativa de atualidade, se é que está presente, assume a função específica de distinguir posse e propriedade.

(d) Considere-se ainda que tanto **ser** como **estar** comportam usos mais ou menos idiossincráticos, mais ou menos idiomáticos, que a análise não cobre:

(24) São cinco horas

(25) É cedo

(26) É a Márcia que estou procurando

(27) O Maestro Chiquinho do Acordeon e o Conjunto Época de Ouro são as atrações de amanhã em MPB-OS MÚSICOS.

*estão

*são entre

estão entre

Por tudo isso, embora o título sugira o propósito de tratar de alternância **ser/estar** de maneira abrangente, e a introdução declare que esse tratamento se fará tomando por base as sentenças locativas, parece mais correto afirmar que os outros tipos deixaram efetivamente de ser tratados, como aliás a própria Autora reconhece no final da primeira parte ("it has been beyond the scope of this work to deal in detail with such further relations", p.101). Diríamos, em conclusão sobre a primeira parte, que ela é menos abrangente do que o título anuncia, mas é em compensação um impressionante estudo da dêixis, e por isso mesmo uma impressionante demonstração de como é possível fazer descobertas em pragmática sem vagar pela periferia do sistema linguístico.

2.5. Os objetivos da segunda parte, de acordo com a própria autora são: 1) confirmar através de dados da aquisição do sistema aspectual pelas crianças, as teses propostas na primeira parte sobre **ser** e **estar**; 2) contribuir para uma compreensão mais aprofundada do aspecto, enquanto conceito teórico.

É difícil admitir que o primeiro desses objetivos tenha sido alcançado, não porque as amostras de linguagem infantil sejam limitadas no tempo de observação, mas porque a Autora não chega a explicitar o que se deveria considerar como evidência ou contra-evidência: há, é verdade,

uma vaga indicação de que as evidências devem ser procuradas na ordem de emergência das categorias aspectuais, à qual De Lemos parece relacionar a observação de que o traço [atualidade] é superordenado às categorias de tempo e modo. Essa constatação, embora insista na centralidade daquele traço, não prova que ele distingue os contextos de uso de **ser** e **estar**. Da mesma forma devem ser analisadas, parece-nos, a ordem de emergência das expressões locativas com **estar**, que aparecem quase simultaneamente com as estruturas de "presente contínuo", e sua anterioridade de emergência em relação às construções de **estar + particípio passado** e **estar + adjetivo**.

Em relação ao segundo objetivo, a Autora mostra, na análise das construções utilizadas pelas crianças, a plausibilidade de aproximar as noções de aspecto e dêixis, o que leva a uma melhor explicitação de sua concepção de linguagem, ao mesmo tempo que articula a primeira e segunda parte do livro.

Ressalte-se que essa concepção de linguagem, objeto sobretudo da introdução (pp. 104-122) e das conclusões (pp. 163-164), se revela extremamente fecunda para a análise da linguagem dos dois sujeitos estudados, análise particularmente feliz, que constitui um ponto de referência e um fator de estímulo para a psicolinguística que se faz no Brasil, a começar pelo próprio projeto "Aquisição da Linguagem por Crianças Brasileiras".

O livro de Cláudia Lemos destina-se a permanecer, como registro de uma pesquisa longitudinal sobre aquisição da língua portuguesa que teve o mérito de criar um parâmetro para a pesquisa psicolinguística no Brasil, e como marco na investigação gramatical das línguas ibéricas; torna **ipso facto** obsoletas as análises anteriores da oposição **ser/estar** em português e impõe-se como referência obrigatória em qualquer estudo sobre línguas ibéricas tematizando o uso desses verbos, o aspecto verbal e a dêixis.